

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

VOZES NO ESCURO: IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NO RAP “O MUNDO É NOSSO” DE DJONGA

VOICES IN THE DARK: IDENTITY AND RESISTANCE IN DJONGA'S RAP SONG “O MUNDO É NOSSO”

Célia Dias dos Santos¹

Resumo: O discurso social e político é recorrente no *rap*, que pode ser caracterizado como uma expressão artística que dá voz ao povo negro, além de se constituir como instrumento que possibilita formação de comunidades gerando assim movimentos de resistência coletiva. O jovem Djonga despontou em 2016 no cenário do *rap* nacional com canções que discorrem sobre o lugar do negro na sociedade, discursando sobre experiências cotidianas, espaços urbanos marginalizados, violência policial, identidades e conflitos sociais. Este trabalho tem como objetivo geral analisar a letra de uma canção do *rapper* mineiro, com o intuito de refletir sobre a postura de enfrentamento crítico e de resistência na narrativa musical do compositor. Selecionamos a canção “O mundo é nosso”, do álbum *Heresia*, que foi eleito por voto popular como o melhor disco de 2017. Na obra em análise o *rapper* fala sobre pertencimento étnico, assumindo a necessidade de contar a sua própria história a partir de uma postura cidadã que incita pelo despertar da consciência do público em relação à realidade que os oprime. Assim, para o estudo de caráter qualitativo-interpretativista serão utilizadas, primordialmente, as contribuições teóricas de Orlandi (2004), Foucault (2006) e também os estudos culturais de Hall (2000, 2003). Concluímos que Djonga, através de suas rimas num canto quase falado, desvela os estigmas que foram criados no imaginário social rompendo o silêncio das vozes periféricas com letras politizadas e reivindicatórias. Além das reafirmações identitárias as canções retratam, de maneira geral, a discriminação social e racial e apontam para as inconsistências do sistema vigente ao tecer duras críticas ao Estado e a polícia.

Palavras-chave: Djonga. *Rap*. Identidades. Resistência. Negritude.

Abstract: Social and political discourse is recurrent in rap, which can be characterized as an artistic expression that gives voice to black people, in addition to constituting an instrument that enables the formation of communities, thus generating collective resistance movements. The young rapper Djonga emerged in 2016

¹ Possui graduação em Letras (UEL), Mestrado em Letras (UEL) e Doutorado em Estudos da Linguagem também pela mesma instituição. Atualmente atua como professora colaboradora no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (UEL). Contato: celiadiasprof@uel.br.

ANAIIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

on the Brazilian rap scene with songs that discuss the place of black people in society, speaking about everyday experiences, marginalized urban spaces, police violence, identities, and social conflicts. The general objective of this work is to analyze the lyrics of a song by the rapper from Minas Gerais, in order to reflect on the posture of critical confrontation and resistance in the composer's musical narrative. We selected the song “O mundo é nosso” from the album *Heresia*, which was elected by popular vote as the best album of 2017. In the work under analysis, the rapper talks about ethnic belonging, assuming the need to tell his own story from a citizenship standpoint that encourages the awakening of the public's conscience in relation to the reality that oppresses them. Thus, for the qualitative-interpretative study, the theoretical contributions of Orlandi (2004), Foucault (2006) and also the cultural studies of Hall (2000) and (2003) will be used. We conclude that Djonga, through his rhymes in an almost spoken manner, reveals the stigmas that were created in the social imaginary, breaking the silence of peripheral voices with politicized and claiming lyrics. In addition to the identity reaffirmations, the songs portray, in general, social, and racial discrimination and point to the inconsistencies of the current system when weaving harsh criticisms of the State and the police.

Key words: Djonga. Rap music. Identities. Resistance. Blackness.

Introdução

No Brasil, o *rap* chegou apenas em 1980, dez anos após o surgimento nos Estados Unidos. Ao ser popularizado por muitas pessoas da periferia de Nova York, acabou ganhando ainda mais visibilidade entre as pessoas da parcela mais pobre da população ao representar a realidade de pessoas pretas, pobres e periféricas e ser um símbolo de resistência. Atualmente o *rap* já é presença marcante nas periferias de: Brasília, Recife, Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre, Florianópolis, entre outras capitais.

Nesse artigo, propomos uma reflexão a partir de um caso específico: o *rapper* Djonga, nome artístico de Gustavo Pereira Marques, nascido em 1994 na Favela do Índio, em Belo Horizonte. O primeiro álbum, publicado em 2015, *Fechando o Corpo*, conta com sete faixas e uma extra com participação de DJ1. O segundo álbum, *Heresia*, foi lançado pelo selo CEIA (“encabeçado” por DonCesão e Febem) em março de 2017. O álbum conta com dez faixas e participações de BK, Yodabren e FBC.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Temos como objetivo geral analisar a letra da canção *O mundo é nosso* do *rapper* mineiro, com o intuito de refletir sobre a postura de enfrentamento crítico e de resistência na narrativa musical do compositor. Foucault (2006) nos diz que “das artes, a música seria a mais sensível às transformações tecnológicas, sempre incorporando novas formas, ritmos”. Considerando que as letras contundentes e acessíveis do *rap*, embaladas em uma sonoridade única e intensa, propicia uma reflexão sensível sobre o dia a dia, principalmente, das comunidades das periferias do país. Isso posto enfatizamos que:

Dentre as artes do movimento Hip Hop, o rap ganha destaque em virtude do fato de ser um veículo no qual o discurso possui o papel central, e por intermédio dele o rapper transmite suas lamentações, inquietações, angústias, medos, revoltas, ou seja, as experiências vividas pelos jovens negros, nos bairros periféricos (TELLA, 1999, p.59).

Para o estudo de caráter qualitativo-interpretativista serão utilizadas, primordialmente, as contribuições teóricas de Orlandi (2004), Foucault (2006) e também os estudos culturais de Hall (2004) e (2011). A fim de atingir os objetivos, o artigo está organizado da seguinte maneira: primeiramente apresentaremos as origens do *rap* e suas relações com o movimento negro e, na sequência, faremos a análise da canção “O mundo é nosso”.

Rap: negritude e resistência

O *rap* surgiu nos Estados Unidos a partir de imigrantes jamaicanos, em meados dos anos 70, quando os sistemas de som eram colocados nas ruas dos guetos para animar os bailes. Com o aumento da violência em 1970, muitos jovens jamaicanos imigraram para os EUA, levando suas tradições e cultura.

A palavra *rap* vem das iniciais de *rhythm and poetry* (ritmo e poesia, em inglês). A origem da palavra *rap* remonta ao século XIV referindo-se a algo como “bater” ou “criticar” e vale destacar

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

que mesmo antes da música *rap* o termo já aparecia no contexto de jogos de improviso e insulto verbal, prática corriqueira entre negros de algumas cidades dos Estados Unidos. Por ter nascido em comunidades majoritariamente negras, “o *rap* é considerado um gênero musical representativo da diáspora africana no Atlântico, que também abarca outras sonoridades, como o *jazz*, o *blues*, o *samba* e o *soul*” (Taperman, 2015, p. 415).

Ainda sobre a constituição do *rap*, Béthune assevera que o *rap* foi “a primeira forma de expressão a utilizar de forma sistemática as técnicas de reprodução sonora das mais sofisticadas, não apenas para difundir suas produções, mas igualmente para elaborá-las, tanto em sua forma como em seu conteúdo” (2003, p. 9). Por se tratar de uma expressão de comunidades silenciadas e oprimidas, o *rap* se constitui como uma arte manifestamente política, que leva a um público constituído pela maioria por jovens, negros e pobres a um olhar mais concreto e crítico da realidade. Nessa perspectiva são “oprimidos socialmente e discriminados etnicamente instalam-se nos guetos a fim de resgatarem a sua cultura como uma forma de resistência nessa receita em busca da felicidade e manutenção da sua identidade” (SANTOS, MENDONZA e ELIAS, 2003, p. 5).

Tendo seus primeiros registros conhecidos datados de 1986, o movimento *hip hop* brasileiro surgiu nas periferias de São Paulo e Rio de Janeiro. Mesmo não sendo aceito por boa parte da sociedade, com algum custo, essa vertente musical conseguiu espaço na mídia radiofônica, a partir do fim dos anos de 1980 e início de 1990.

O grupo Racionais MC's foi o que mais influenciou na constituição da tradição do *rap* nacional, cujo traço marcante é o *grito-denúncia*.

Nesse contexto, o *hip-hop*, concebido através de ações artísticas, culturais e políticas, constituiu-se como exemplo de cultura contemporânea de resistência negra, possibilitando a expressão da voz do marginalizado, do excluído, além de uma reflexão acerca daquilo que reprime as classes menos favorecidas. Observa-se especificamente a construção do estilo *rap* como relato da exclusão, da violência, e também da riqueza cultural e da resistência (RHUANN FERNANDES, 2019:2).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Os ruídos, sobretudo das cidades, do cotidiano urbano, podem complementar o discurso do *rap*: sons de tiros de revólver, do trânsito, sirene de carros da polícia, pessoas caminhando, crianças brincando, entre outros. Hall (2003) chama este fenômeno de estratégia cultural, entendido como um espaço possível de disputa e proliferação de ideias de contestação. Por sua vez, Salles enfatiza o fato de que:

O rap politizado mostra a face. A face da favela e a devolve para a favela. Com os favos recheados de mel e os dentes carregados de veneno, da vida cansada. A favela abre seus espaços, como um espaço possível de construção de outra perspectiva – sobre a própria favela, sobre a cidade, talvez sobre o mundo até. A voz que emerge da favela em busca de voz. E os rappers, verdadeiros mensageiros, estabelecem um vínculo entre arte, cultura e o cotidiano de suas comunidades (SALLES, 2007, p. 14).

Para Gomes e Leão (2006, p. 07) “as letras de rap são expressão local de um fenômeno prosa pura e simples, como ritmo sugerido pelas rimas e, acima de tudo, pelo suporte dado à letra pela entonação, pelo acompanhamento dos instrumentos musicais, pela batida imposta com o auxílio da bateria”. Assim, o *rap* com a batida cadenciada (o *beat*) e as palavras cantadas de forma encaixada (*flow*) é uma forma de expressar opiniões, sejam elas ligadas ao descontentamento ou aprovação social. Ademais, essa manifestação artística vem cativando diferentes públicos com causas e reivindicação próprias.

Djonga: voz às comunidades negra e periférica

Djonga sempre gostou de música e poesia, tendo crescido em uma família muito musical, teve influências diversas, que passam pela MPB e vão até o *Trap*, o *Funk* e o *Rap* mais tradicional. Seus primeiros CD's foram do grupo Racionais MC's e de Dogão. Começou a compor música em 2010 com apenas 16 anos. Em 2012 lançou seu primeiro single “Corpo Fechado” e ao vislumbrar novos caminhos profissionais abandonou o curso de História, na Universidade Federal de Ouro preto, por

ANAIIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

conta do sucesso e para se dedicar exclusivamente à música. O *rapper* em suas composições utiliza o que viveu e aprendeu na rua e também os conhecimentos sobre História do Brasil, da América e de outros continentes que estudou durante o período que frequentou a universidade. Assim sendo, chama outros jovens negros a pensar coletivamente sobre como são alvos das múltiplas formas de violência: vitimização, violência policial e estereótipos raciais.

O segundo álbum, *Heresia* (março de 2017), apresenta uma construção estética da capa do álbum que joga com o passado e com o novo (presente). Verificamos uma releitura do *Clube da Esquina*, um dos mais aclamados discos da Música Popular Brasileira (MPB), álbum lançado por Milton Nascimento e Lô Borges em 1972. No álbum de Djonga, ele mesmo é mostrado duplicado, sentado ao lado de si mesmo, enquanto uma das versões sorri e a outra demonstra seriedade, bem como na capa do LP *Clube da Esquina*:

Figura 1 - Lô Borges e Milton Nascimento (1972)



Fonte: <http://alataj.com.br/vitrola/clube-da-esquina>

Figura 2 - Capa do álbum *Heresia* (2017)



Fonte: CEIA Ent. (2017)

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Em suas composições Djonga faz uso de métricas que buscam de maneira metafórica, irônica e também satírica, expressar sentimentos de resistência. O sujeito-*rapper* se significa como combatente do descaso e da naturalização de relações desiguais. Vejamos a letra:

O MUNDO É NOSSO

Os menor tá desesperado, tipo atirando
Eu querendo salvar o mundo, e ela pergunta "'tá zuando?"
É que as ruas me lembram o Massacre da Serra Elétrica
Eles tentam roubar, é o massacre da cerca elétrica
E o rap preocupa com o povo ou preocupa com a métrica
Mas os tentáculos do polvo é o que vai me afundar

E o olho que me julga precisa fazer regime
Ou algum de nós dois vai estar lá na cena do crime
E eu só querendo eu e minha mina na fila do cine
Vendo o filme da minha vitória
Sou da sua raça, mano, é a nossa vitória
Já foram farsa, vamo, contar nossa história
Quilombos, favelas, do futuro seremos reis, Charles
Seremos a negra mais linda desse baile charme
A negra velha mais sábia, crianças a chave
Eles são cadeado, já foram corrente, sabe?
O lado negro da força, mato com meu sabre
Te corto com meu sabre

Como se fosse a noite, 'cê vê tudo preto
Como fosse um blackout, 'cê vê tudo preto
São meus manos, minhas minas
Meus irmãos, minhas irmãs, yeah
O mundo é nosso, hã
Tipo a noite, 'cê vê tudo preto
Tipo um blackout, 'cê vê tudo preto
São cantos de esquinas, de reis e rainhas
Yeah, o mundo é nosso

Já disse, pretos no topo, e eu falava sério
Tipo BK, me veja como exemplo
Minha quebrada na merda, minha city fora do mapa, mano
Pros meus irmão eu sou exemplo, não nasci branco

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Para ser franco, não nasci blanco
Mesmo assim a Paty quer sentar
Sou elétrico, tenho em mim a resistência
Sou DV Afrotribo pondo fim na concorrência

Ganhar dinheiro tipo Cassino de Scorsese
Gastar dinheiro tipo 'até que a sorte nos separe'
Manos se drogam, pensam até que a morte nos ampare
E a bola de cristal do boy é a taça de Campari
E o morro chora, desespero e ainda tem barro lá
Prefeito diz "Senhor é meu pastor, mas nada te asfaltará
Tudo te faltará, se comprometerá
Pra consumir doses de alegria, e não pagará"
É o Homem na Estrada de todo dia
E sabe a resposta, o que é clara e salgada
Os mais novo vive queimando largada
Não sabe ler nem escrever, e sabe o nome da delegada
Sejamos Abraham Lincoln, independência
Com a pele de Barack Obama
Sejamos Tupac Shakur, Afeni Shakur
Achamos a cura pra nossa insegurança
Cada bala de fuzil é uma lágrima de Oxalá
Mas na rua né não, na mão dos cana né não
Na cintura era um celular e eles confundem com um oitão

Como se fosse a noite, 'cê vê tudo preto
Como fosse um blackout, 'cê vê tudo preto
São meus manos, minhas minas
Meus irmãos, minhas irmãs, yeah
O mundo é nosso, hã
Tipo a noite, 'cê vê tudo preto
Tipo um blackout, 'cê vê tudo preto
São cantos de esquinas, de reis e rainhas
Yeah, o mundo é nosso (DJONGA, O Mundo é Nosso, 2017)

Djonga se coloca como representante de sua comunidade e em posse de um poder de fala reconhecido como legítimo por quem ele se diz representar. Podemos constatar a presença de uma narrativa com informações significativas, conotativas e poéticas, caracterizadas por personagens,

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

tempo e espaço de ação, que demonstram claramente a formação discursiva de uma classe oprimida socialmente. Nessa perspectiva:

Ao criar um discurso em primeira pessoa, territorialmente localizado, mas cuja amplitude é global, os jovens excluídos das periferias de todo o mundo criam uma narrativa que possibilita a construção de uma identidade que os une a partir de sua realidade e não em uma idealização, como as referências à identidade nacional pretendiam construir. E que ganha universalidade porque a própria exclusão tornou-se parte integrante dessa identidade (GUIMARÃES, 2007, p. 183-184).

Assim, verificamos na composição do *rapper* o enfoque não apenas na musicalidade agressiva de um sujeito negro que ao se concentrar na criação de batidas pode entregar ao público uma profusão de rimas ácidas, críticas e arrebatadoras, mas também que esta musicalidade perpetua dentro e fora das periferias onde seus ouvintes ou testemunhas se encontram.

Hall utiliza o termo identidade para significar:

[...] o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades que nos constroem como sujeitos aos quais se pode ‘falar’ (HALL, 2000, p.111-112).

As referências utilizadas por Djonga são fundamentais para alcançar prestígio. Elas indicam apropriação de conteúdo quando cita acontecimentos históricos, revolucionários e filmes. No discurso de abertura da composição:

Homem negro, inferno branco, tipo Tarantino
Homem branco, inferno banto, tipo tá tirano
Os menor tá desesperado, tipo atirando
Eu querendo salvar o mundo, ela pergunta: Tá zuando?

[...]
Ganhar dinheiro tipo cassino de Scorsese

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

[...]

Sou da sua raça, mano, é a nossa vitória
Já foram farsa, vamo, contar nossa história
Quilombos, favelas, do futuro seremos reis, Charles
Seremos a negra mais linda desse baile, charme
A negra velha mais sábia, crianças a chave
Eles são cadeado, já foram corrente, sabe?
O lado negro da força, mato com meu sabre
Te corto com meu sabre

[...]

Sejamos Abraham Lincoln, independência
Com a pele de Barack Obama
Sejamos Tupac Shakur, Afeni Shakur (DJONGA, O Mundo é Nosso, 2017.)

Nos trechos selecionados observamos:

- a) O uso de rimas críticas para chamar a atenção para a história dos negros e suas dificuldades no passado e no presente (linha de continuidade histórica);
- b) menção de personalidades negras que se destacaram como presidentes e ativistas; incita os negros a ocuparem o lugar de reis e não de menos favorecidos na sociedade: referência a Lincoln, presidente branco norte-americano que assinou a lei que pôs fim à escravidão no país;
- c) presença de referências que servem como inspiração para a saída do lugar de subordinação;
- d) preocupação recorrente com os “canas”, ou seja, o medo que as pessoas negras têm de serem assassinadas pelas mãos da polícia;
- e) o desvio de concordância verbal nos versos “os menor tá desesperado, tipo atirando” e “já foram farsa, vamo, contar nossa história” revelam a imitação de uma oralidade que se remete

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

a uma classe social menos favorecida, o que corrobora para afirmar suas raízes identitárias e para continuar se identificando com o grupo a que pertence.

Djonga escolheu sair da zona de conforto e para isso optou por colocar participações nas rimas, apenas nos refrãos. Em entrevista² sobre o álbum ele afirma que “por ser meu primeiro disco, eu precisava mostrar meus versos, quem eu sou mesmo. Eu tinha feito muita participação em 2016. Se tivesse outra pessoa (no disco), não conseguiria dizer tudo que eu queria”, explica. Refrão com participação do *rapper* carioca³ BK:

Como se fosse a noite, 'cê vê tudo preto
Como fosse um blackout, 'cê vê tudo preto
São meus manos, minhas minas
Meus irmãos, minhas irmãs, yeah
O mundo é nosso, hã
Tipo a noite, 'cê vê tudo preto
Tipo um blackout, 'cê vê tudo preto
São cantos de esquinas, de reis e rainhas
Yeah, o mundo é nosso (DJONGA, O Mundo é Nosso, 2017.)

A palavra “preto” aparece nove vezes nos versos e contribui para reforçar as fortes críticas à sociedade e mensagens de empoderamento negro. Além disso, cria um efeito de sentido de potência e afirmação de uma história que precisa ser reformulada e recontada. As identidades dos sujeitos negros são, portanto, mobilizadas pelos processos de empoderamento negro na música que não vem

² Programa *Dissecação*, do canal do Youtube “RAP TV”. Djonga–Heresia. Disponível em: <https://youtube.com/watch?v=eeNkvg4gqG0&t=1512s>. Acesso em 16 de jan. 2023.

³ Abebe Bikila, conhecido como BK, é *rapper* de Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Tornou-se um dos principais nomes do rap nacional nos últimos anos e é considerado também um dos mais influentes de sua geração. Para ele, suas letras e músicas têm forte identificação, sobretudo com o público negro. (BK fala da carreira, vida pessoal e repercussão do novo álbum 'O líder em movimento') Disponível em <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/rapper-bk-fala-da-carreira-vida-pessoal-repercussao-do-novo-album-lider-em-movimento-24654886.html>. Acesso em 16 jan. 2023.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

apenas do confronto contra poderes e figuras racistas, mas do próprio indivíduo, para que este se orgulhe de ser quem é. Munanga, um dos expoentes nos estudos sobre negritude e seus sentidos afirma que:

Identidade consiste em assumir plenamente, com orgulho, a condição de negro, em dizer de cabeça erguida: sou negro. [...] A Fidelidade repousa numa ligação com a terra-mãe, cuja herança deve, custe o que custar, demandar prioridade. A Solidariedade é o sentimento que nos liga secretamente a todos os irmãos negros do mundo, que nos leva a ajudá-los a preservar nossa identidade comum (2009, p. 51-52).

Assim sendo, são positivadas as aparências das pessoas negras e a cultura, dois elementos relacionados à autoestima. Djonga (2023) explica “a importância de ‘ver tudo preto’ dentro de uma sociedade regada por um racismo velado”. Um dos problemas que enfrentou foi a busca por aprovação das pessoas brancas, o que criou uma crise de identidade.

Ainda como porta-voz do povo periférico, os versos abaixo chamam a atenção às atrocidades cometidas contra os negros no racismo velado que é praticado aqui no Brasil. Como exemplo, o seguinte trecho:

[...]
Achemos a cura pra nossa insegurança
Cada bala de fuzil é uma lágrima de Oxalá
Mas na rua né não, na mão dos cana né não
Na cintura era um celular e eles confundem com um oitão (DJONGA, O Mundo é Nosso, 2017)

Desse modo, constatamos a presença de uma narrativa com informações significativas sobre o que acontece nas favelas brasileiras que são caracterizadas por personagens, tempo e espaço de ação, que demonstram claramente a formação discursiva de uma classe oprimida socialmente.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Considerações Finais

Seja qual for o local de origem do *rap* - as favelas de Kingston, capital da Jamaica, nos anos 60, ou os bairros negros de Nova York, nos anos 70, conforme diferentes historiadores -, o certo é que o *rap* surgiu já como uma expressão musical voltada para denunciar as desigualdades sociais, racismo e exclusão social. Considerando que por ser uma manifestação artística de uma cultura oriunda da diáspora africana na contemporaneidade, ela articula com propriedade identidades negras ressignificadas a partir das relações com os movimentos sociais.

Neste artigo nos propusemos a compreender as representações de negritude expressas na canção “O Mundo é Nosso” (2017), com o intuito de refletir sobre a postura de enfrentamento crítico e de resistência na narrativa musical do compositor. Djonga, através de suas rimas num canto quase falado, desvela os estigmas que foram criados no imaginário social, rompendo o silêncio das vozes periféricas com letras politizadas e reivindicatórias. Além das reafirmações identitárias as canções retratam, de maneira geral, a discriminação social e racial e apontam para as inconsistências do sistema vigente ao tecer duras críticas ao Estado e a polícia. Assim sendo, verificamos que em suas canções o *rapper* consegue compreender a forte identidade coletiva das comunidades, seus costumes e tradições, se adaptando à realidade e se tornando um instrumento de representatividade desses indivíduos.

Neste trabalho evidenciamos também que Djonga discursa sobre os locais de fala e silenciamento, da ancestralidade e da identidade do povo negro por meio de uma lírica afiada, marginalizada e agressiva, aliada aos gritos apelativos com fortes críticas sociais. Isso posto, ressaltamos que a negritude nos conteúdos expressos nas letras do *rapper* mineiro é representada como a elevação de valores de ser negro.

Referências

BÉTHUNE, Christian. **Le Rap**. Une esthétique hors la loi. Paris: Autrement, 2003.

ANAIIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Dissecação (programa) do RAP TV - Youtube. **Djonga-Heresia**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eeNkvg4gqG0&t=1512s>>. Acesso em 16 jan. 2023.

DJONGA. **O mundo é nosso**. Disponível em< <https://www.letras.mus.br/djonga/o-mundo-e-nosso/>> Acesso em: 05 jan. 2021.

DJONGA. **O mundo é nosso**, part. BK. In: Heresia. São Paulo: Ceia Ent, 2017. Faixa 10. Spotify (3m43s).

FERNANDES, Rhuann. O rap nacional e o caso Djonga: Por uma sociologia das ausências e das emergências, **RELACult**, v. 5, n. 3 (2019), pp. 1-25, p. 2.

FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema** (2º ed.; M. B. da Motta, org.; I. A. D. Barbosa, trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Título original: Dits et écrits.)

GOMES, Álvaro Cardoso; LEÃO, Márcia Aparecida. **O Código dos Marginalizados: A linguagem do Rap**. Disponível em: http://www.zulunationbrasil.com.br/artigos%20/A_Linguagem_do_Rap.pdf Acesso em 15 abr. 2009.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **O insulto racial: As ofensas verbais registradas em queixas de discriminação**. In: Estudos Afro-Asiáticos, nº 38. Dez./2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2000000200002>. Acesso em: 04 nov. 2022.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Coleção Cultura Negra e Identidades. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

SALLES, Ecio de. **Poesia revoltada**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007. (Tramas urbanas; 3). Disponível em: <https://lutieromusicale.files.wordpress.com/2013/08/poesiarevoltada.pdf> Acesso em: 25 abr. 2021.

SANTOS, Aparecida Ribeiro dos; MENDONZA, Babette Almeida Prado; ELIAS, José. O rap reinterpretando na rima o dia a dia da comunidade. 2003. Trabalho apresentado no Núcleo de Folkcomunicação, **XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação**, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

TELLA, Marco Aurélio Paz. **Rap, memória e identidade**, IN: Rap e educação, Rap é educação/ Elaine N. de Andrade (org). - São Paulo: Summus, 1999.

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som: As transformações do rap no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2015. [Edição do Kindle].